

## AGRICULTURA DE MERCADO INTERNO VERSUS AGRICULTURA DE EXPORTAÇÃO: CARACTERIZAÇÃO E TENDÊNCIAS<sup>1</sup>

Amairte Benevenuto<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Os estudos econômicos pertinentes à agricultura, em geral, tratam o setor de forma muito ampla ou muito particularizada e mesmo aqueles que adotam categorias, ou o fazem de maneira parcial, considerando apenas alguns produtos, ou não esgotam o produto (em se tratando de exportação, não incluem adequadamente seus derivados industriais relevantes).

Os diferentes estágios da evolução da economia brasileira e as políticas econômicas gerais ou setoriais do governo causam impacto e conduzem o setor agrícola de forma bem diferenciada, especificamente nas suas funções de supridor de alimentos e matérias-primas do mercado doméstico e financiador de importações, entre outras funções. Assim, os estudos que visam analisar o comportamento do setor de forma agregada ou os efeitos das políticas econômicas a ele direta ou indiretamente dirigidas, seriam provavelmente melhor conduzidos se categorizassem com razoável abrangência os produtos por ele produzidos, seja quanto ao aspecto mercado interno versus mercado externo ou produtos de consumo em estado primário versus produtos para a indústria.

Dentro dessa linha de preocupação, o presente estudo<sup>3</sup> tem como objetivo geral categorizar os produtos agrícolas brasileiros quanto ao mercado a que estão ligados, através de um processo metodológico transparente, tal que possa servir de suporte para pesquisas ou estudos que venham a tratar do impacto de políticas governamentais sobre o subsetor lavouras. Operacionalmente, os obje-

<sup>1</sup> O autor agradece os comentários e sugestões de Antonio Maria Gomes de Castro e Eliacir Marques Pereira, que avaliaram este artigo. Os erros e omissões são de exclusiva responsabilidade do autor.

<sup>2</sup> Economista, M.Sc., DTT/EMBRAPA. Caixa Postal 040315, SAIN Setor de Áreas Isoladas Norte, 70770 - Brasília, DF.

<sup>3</sup> Estágio de definição de categorias de uma pesquisa conduzida pelo autor, intitulada: "A Política de Crédito Rural e a Evolução do Subsetor Lavouras. Brasília, 1966-85".

tivos específicos deste estudo são:

- a) Apresentar um "approach" para categorizar produtos da lavoura em exportáveis e de mercado interno, incorporando um número de produtos que possa, com razoável segurança, representar o subsetor;
- b) Comentar, em linhas gerais, a evolução histórica dos principais produtos que compõem aquelas categorias;
- c) Analisar a evolução da produção agregada das duas categorias.

### 2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo restringe-se ao subsetor lavouras e à sua evolução, a nível nacional, no período 1947/85. Para a sua consecução, foram inicialmente reunidas e consolidadas as séries históricas de quantidade produzida, área e valor da produção de cada uma das lavouras brasileiras (Anuário Estatístico do Brasil, 1949/87; Fundação IBGE, 1987; Ministério da Agricultura, 1976).

Essas lavouras foram classificadas em ordem decrescente de importância, segundo o valor de sua produção, no período 1980/84. Os critérios de classificação em exportáveis ou de mercado interno foram aplicados às 26 lavouras mais importantes, as quais correspondem a 97% do valor da produção do subsetor, nesse período (Anexo 1).

Os critérios utilizados para essa classificação foram a proporção da produção de cada lavoura que foi anualmente exportada no período 1966/85 e a estabilidade dessa proporção, medida pelo coeficiente de variação (C.V.) no mesmo período, que serve como uma aproximação da medida de estabilidade das proporções. No cálculo dessa proporção, incluiu-se a parcela do produto exportado em estado primário e seus principais derivados, convertidos em produto primário. Na conversão, em se tratando de produto com mais de um derivado, as quantidades desses foram ponderadas pelo seu preço de exportação. O método de cálculo, a lista dos derivados e as taxas de conversão para cada produto são detalhados no Anexo 2. Essas taxas foram obtidas, formal ou informalmente, junto a órgãos públicos e privados.

Uma vez delimitados os dois conjuntos (produtos exportáveis e produtos de mercado interno), construiu-se índices que servissem de indicadores para captar a evolução, em linhas gerais, de cada um dos dois grupos de produtos, para um período maior: 1947/85.

Para a área colhida, foi construído um índice simples de evolução da

área total. Para o cálculo do Índice de produção, as quantidades produzidas foram ponderadas pelos preços médios recebidos pelos agricultores no período 1980/84. Os rendimentos, para a construção do seu índice, foram também ponderados pelos preços, tal que o índice refletisse a evolução da produção global média por hectare, a preços de 1980/84.

### 3. RESULTADOS

#### 3.1 Caracterização dos produtos

A aplicação dos critérios mencionados para o cálculo da participação percentual da exportação na produção interna, por produto e por ano, permitiu reunir esses produtos em dois grupos (Tabela 1). O primeiro grupo apresenta uma participação percentual, em termos do produto primário, relativamente elevada — a menor proporção média, durante o período, ficou com a cana-de-açúcar, com 23%. O outro grupo apresenta uma baixa participação percentual — a maior média pertence ao abacaxi, com 5,8%, no período.

Por outro lado, não é apenas a magnitude da participação da exportação na produção de um bem o indicador do grau de influência do mercado externo sobre a geração interna do produto, mas, também, a sua estabilidade. Quando essa participação é mais estável, gera expectativas mais estáveis entre os produtores, com reflexos a médio e longo prazos sobre a produção. Nesse aspecto, exportações esporádicas de um bem, mesmo que de magnitudes significativas, não produzem expectativas estáveis, pois provavelmente decorrem da colocação de excedentes de produção que originalmente se destinavam ao mercado interno.

Dentro dessa linha de preocupação, foram calculados os coeficientes de variação da participação percentual de cada produto e adotou-se o coeficiente 0,5 como referencial para separar categorias, por ser ele, de acordo com os resultados obtidos, um aparente "divisor de águas" entre o grupo de produtos com grande participação e o grupo com pequena participação nas exportações. Assim, para o primeiro grupo, coeficientes de variação acima de 0,5 só ocorrem para laranja e café, com participação média de 40,4% e 90,1%, respectivamente.

A laranja é um dos poucos produtos que apresentam um movimento tendencial nítido na série das proporções (de alta, para esse produto). Como o desvio-padrão tem a média como referencial, o valor do coeficiente de variação inclui a tendência e, por isso, é maior. Quanto ao café, o Brasil não é propriamente um "price-taker" no mercado externo e as oscilações nas exportações, em parte, decorrem da política comercial do governo brasileiro frente aos concorrentes e aos países consumidores.

TABELA 1. BRASIL - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS QUANTIDADES EXPORTADAS NA PRODUÇÃO INTERNA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DA LAVOURA - NO PERÍODO 1966-85

PRODUTOS <sup>2</sup>	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	MÉDIA	C. V.
PRODUTOS EXPORTÁVEIS																						
ALGODÃO	33,7	29,3	32,4	55,0	47,9	28,1	33,7	38,5	18,0	24,8	11,9	14,6	19,3	12,9	14,0	17,2	12,9	52,4	24,0	21,8	27,12	0,49
AMENDOIM	15,2	22,2	12,2	18,8	32,4	35,4	42,0	43,8	45,3	48,7	68,6	64,3	69,8	68,2	91,3	53,5	47,6	44,8	15,2	47,2	44,31	0,48
CACAU	98,8	87,4	83,6	76,7	86,6	80,2	79,1	78,0	131,5	90,7	90,8	82,2	86,0	88,5	87,7	87,3	76,9	79,8	86,7	88,7	87,36	0,13
CAFÉ	85,1	89,1	108,3	92,2	136,7	71,7	90,8	137,7	50,0	69,7	252,9	63,4	60,6	55,4	86,8	48,5	110,4	65,5	84,2	63,4	90,12	0,51
CAJU	23,8	16,9	33,0	50,5	70,8	34,3	63,0	65,2	65,2	106,5	64,9	47,3	52,9	88,3	95,8	91,8	79,7	...	56,8	...	61,71	0,41
CANA-DE-AÇÚCAR	22,0	19,7	21,8	23,5	19,8	22,1	38,4	38,5	32,3	26,2	15,6	25,3	19,9	17,6	25,0	22,7	20,1	16,2	19,6	14,7	23,05	0,29
FUNGO	20,0	18,5	14,9	19,1	21,9	24,6	24,0	27,2	30,9	34,3	33,9	28,4	27,0	30,0	31,7	36,0	34,5	39,5	38,9	41,3	28,83	0,26
LARANJA	12,1	14,5	18,2	13,3	16,6	34,2	27,2	33,2	24,8	38,7	39,6	40,3	58,0	46,8	50,7	76,5	59,2	63,8	94,5	46,4	40,43	0,55
MACONHA	65,6	71,4	110,7	100,1	84,7	66,7	75,1	66,7	61,8	58,7	147,7	107,7	100,9	98,1	91,5	80,8	64,7	52,6	63,9	51,9	80,12	0,31
PIRENEIA-DO-REINO	75,1	61,8	69,0	103,4	63,2	114,8	92,1	55,3	55,6	62,5	66,6	46,8	63,7	51,4	51,1	115,9	90,4	93,9	85,2	67,5	74,26	0,28
SUSAL	53,1	40,1	44,5	46,4	56,5	53,1	55,0	74,6	62,1	24,0	105,8	91,3	83,3	85,0	77,5	65,1	38,3	103,7	95,1	68,7	86,16	0,36
SOUJA	44,6	56,2	38,0	51,1	46,4	44,5	71,9	68,7	54,8	61,5	73,7	63,3	61,7	56,9	54,8	75,6	66,2	72,3	58,7	62,0	59,14	0,18
SUB-TOTAL <sup>3</sup>	52,0	46,9	56,0	59,6	62,3	48,9	60,9	67,7	45,2	52,2	66,9	48,2	47,8	44,3	51,4	52,3	53,0	51,8	52,2	45,0	53,23	0,13
PRODUTOS DE MERCADO INTERNO																						
ABACAXI	7,5	5,6	6,6	6,1	3,7	3,5	2,5	3,0	4,7	2,2	1,8	3,1	3,3	5,3	9,1	8,0	5,4	8,6	15,1	10,9	5,80	0,58
ALHO	-	-	-	-	-	-	-	0,1	-	-	-	-	-	-	0,9	0,5	-	-	-	-	0,08	2,75
ARROZ	7,3	0,7	3,5	1,6	3,6	3,3	-	0,7	1,2	-	1,2	6,7	3,6	-	-	0,9	0,2	0,2	-	-	1,74	1,28
BANANA	5,5	4,0	3,6	3,3	3,9	3,4	1,9	3,7	4,2	3,9	2,3	2,5	3,0	3,0	1,4	1,5	1,3	2,0	2,2	2,1	2,94	0,38
BATAVA-DOCE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BATAVA-INGLESA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CEBOLA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,12	2,58
COCO-DA-BABA	0,3	-	0,2	0,3	0,2	0,4	0,1	0,5	0,4	0,2	0,2	-	0,2	0,3	0,2	1,0	0,1	0,3	0,9	0,8	0,33	0,85
FEIJÃO	-	0,1	1,2	0,8	0,1	-	0,2	-	0,1	2,4	-	-	-	0,2	0,1	-	0,2	0,9	1,6	0,4	0,42	1,55
MANDIOCA	1,1	0,3	0,2	1,0	0,7	0,3	0,1	0,3	1,2	0,2	-	-	-	0,2	0,1	-	0,1	0,1	0,1	0,1	0,30	1,27
MILHO	6,0	3,5	9,9	5,4	10,9	9,5	1,6	0,9	7,2	7,4	8,2	7,9	1,1	1,1	0,4	0,1	2,6	4,3	1,8	0,6	4,52	0,80
TOMATE	1,2	0,9	0,3	1,9	1,5	0,2	-	-	-	-	-	-	-	-	0,1	0,1	0,2	-	0,2	0,7	0,4	1,47
TRIGO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
UVA	-	-	-	-	-	-	0,1	2,9	3,0	0,6	0,4	1,1	1,2	2,0	3,6	1,9	2,3	3,1	3,0	3,6	1,44	0,87
SUB-TOTAL <sup>3</sup>	3,0	1,1	3,1	1,9	3,3	2,7	0,5	0,6	2,5	2,3	2,2	1,7	1,1	0,5	0,3	0,4	0,9	1,5	1,1	0,4	1,56	0,65
TOTAL <sup>3</sup>	24,0	20,3	23,7	25,8	24,8	22,3	26,9	29,8	23,0	26,1	29,0	23,7	24,4	22,4	26,3	28,8	26,7	30,6	29,3	26,0	25,70	0,11

FONTES: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL 1949/1987, ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CACAU 1983, ZENÓPIA 1988, BRASIL, Ministério de Agricultura 1978, Banco do Brasil 1966/1985

1 Os 26 produtos aqui relacionados são os mais importantes do subsetor Lavouras, os quais responderam por 96,8% do valor da produção do subsetor no período 1960-84.

2 A metodologia de cálculo individual, por produto, encontra-se no anexo 2.

3 Percentagens ponderadas pelos valores de produção a preços médios de 1960-84.

NOTAS: Percentagens próximas ou acima de 100 devem-se à exportação de estoques previamente formados do produto.

... Informações não disponíveis ou sujeitas a retificação

— ausência de exportação, ou exportação insignificante (menor que 0,1% da produção).

e para o segundo grupo, coeficiente abaixo de 0,5 só ocorre para a banana, cuja proporção média, durante o período, entretanto, é de apenas 2,9%.

Com essas considerações, os produtos que apresentam alta proporção nas exportações e pequena variabilidade nas mesmas (baixos coeficientes de variação) podem, para efeito de classificação, ser denominados de produtos exportáveis e aos demais (baixa proporção e alta variabilidade), de produtos de mercado interno. Assim, pertencem ao grupo dos exportáveis: algodão, amendoim, cacau, café, cajú, cana-de-açúcar, fumo, laranja, mamona, pimenta-do-reino, sisal, soja e ao grupo de mercado interno: abacaxi, alho, arroz, banana, batata-doce, batata-inglesa, cebola, coco-da-baía, feijão, mandioca, milho, tomate, trigo e uva.

O exame dos dados contidos na Tabela 1 permite concluir que, pelo menos para o período considerado, não houve diversificação na pauta de exportação, a nível de produto, ou seja, os exportáveis de hoje o são desde o início do período 1966/85. Dentre aqueles voltados basicamente para o mercado interno, dois produtos — abacaxi e uva — vem apresentando desempenho crescente nas exportações, apesar da pequena participação dessas na produção interna dos meses, implicando que, mantidas a tendência e as proporções atuais, a médio prazo continuarão dependendo essencialmente do mercado interno para a colocação da produção.

Observando a tendência das exportações, pelo menos como proporção da produção, é possível separar os exportáveis em três grupos: soja, laranja, fumo, sisal e cajú, com tendência crescente de participação das exportações na produção; algodão, amendoim, café, mamona e pimenta-do-reino, sem tendência definida e cacau e cana-de-açúcar, com participação relativamente constante.

Entretanto, o exame dos volumes de produção e de exportação, que geraram esses índices (proporções), permite concluir que, no caso do sisal, o pequeno e vacilante avanço das exportações desde o início da década de 70, coincide com a instabilidade e tendência à queda na produção, a partir, também, do início dessa década. O mesmo acontece, quanto à produção, também a partir do início da mesma década, com algodão, amendoim e mamona e, desde o início dos anos 80, com pimenta-do-reino.

Os demais exportáveis vem apresentando, durante o período, tendência ao aumento na produção interna, especialmente soja, laranja e cana-de-açúcar, do que pode-se concluir que soja e laranja exercem um grande efeito dinâmico sobre as exportações, seguidos por cacau, cana-de-açúcar e café e, mais à dis-

tância quanto ao volume e mais de perto quanto à dinâmica, por fumo e cajú.

Examinando, agora, os itens que compõem a pauta de exportação de cada produto, constata-se que, principalmente a partir de meados da década de 70, tem sido crescente a participação dos derivados (manufaturados e semi-manufaturados) na pauta, especialmente para soja, laranja e algodão e com menor intensidade para café, cacau e sisal. Para algodão, houve, inclusive, tendência à queda nas exportações do produto em estado primário — algodão em pluma. No caso do amendoim, todos os itens da pauta — grão, óleo e farelo, experimentaram crescimento até a década de 70 e queda nos anos 80, resultado da baixa performance na produção interna.

Dos itens que compõem a pauta de exportação da cana-de-açúcar, o açúcar cristal e o demerara vem perdendo espaço para o açúcar refinado e o álcool etílico, acentuando, conseqüentemente, a participação industrial na formação do valor das exportações, o mesmo acontecendo com óleo de mamona em bruto, que cede lugar totalmente para o refinado ou purificado, na década de 80. Para os demais exportáveis: pimenta-do-reino, fumo e cajú, a pauta de exportação tem consistido fundamentalmente do produto em estado primário ou com pequeno grau de beneficiamento.

O avanço da participação industrial no valor adicionado se faz sentir, também, entre alguns dos produtos de mercado interno. É o que acontece com abacaxi e uva, para os quais as exportações de sucos concentrados ganham rapidamente o espaço dos frutos naturais e é em função direta desse avanço que a participação da exportação na produção desses produtos tem apresentado tendência ao aumento no período considerado.

De fato, a participação do setor industrial na formação do valor das exportações agrícolas tem aumentado com o avanço da industrialização brasileira, com grande impulso a partir do início dos anos 70. Em 1966/70, das exportações agrícolas brasileiras globais, 14,9% correspondiam a produtos com elaboração industrial, 10% dos quais a semi-manufaturados e 4,9% a manufaturados e em 1981/85 essa percentagem sobe para 34,6%, dos quais 24,4% a manufaturados (EMBRAPA 1988).

Um produto aparentemente atípico, pelo menos de acordo com a abordagem aqui adotada, é o milho. Enquanto outros produtos como soja e laranja, que estão ligados a um complexo agroindustrial a jusante e apresentam grande performance na pauta de exportação, esse cereal, também ligado a um complexo industrial (hoje, cerca de 60% da produção é industrializada) e com grande per-

formance na produção interna, tem apresentado pequena participação nas exportações. Essa situação é atribuída ao fato do milho brasileiro não apresentar vantagem comparativa no mercado internacional e às sucessivas interferências do governo no mercado, inibindo sua exportação com o objetivo de garantir o atendimento da demanda da agroindústria doméstica, principalmente as fábricas de farelo.

### 3.2 Evolução da Produção

As exportações dos produtos do primeiro grupo (exportáveis), não revelam tendência nítida e nem grandes oscilações, como proporção da produção, no período 1966/85. Entretanto, para o conjunto dos 26 produtos aqui considerados, essa proporção apresenta uma tendência ao aumento, passando de 23,4% em 1966/69, para 25,4% em 1974/77 e para 28,0% em 1982/85.

O efeito dessa tendência das exportações se faz sentir na disponibilidade interna de produtos da lavoura. Assim, a parcela dos produtos retida para consumo doméstico<sup>5</sup> (calculada para um período maior que o utilizado na caracterização dos produtos), que se expandia à taxa anual média de 4,0%, entre 1951/55 e 1966/70, reduziu esse crescimento para 3,0% ao ano, entre 1966/70 e 1981/85 (Figura 1).

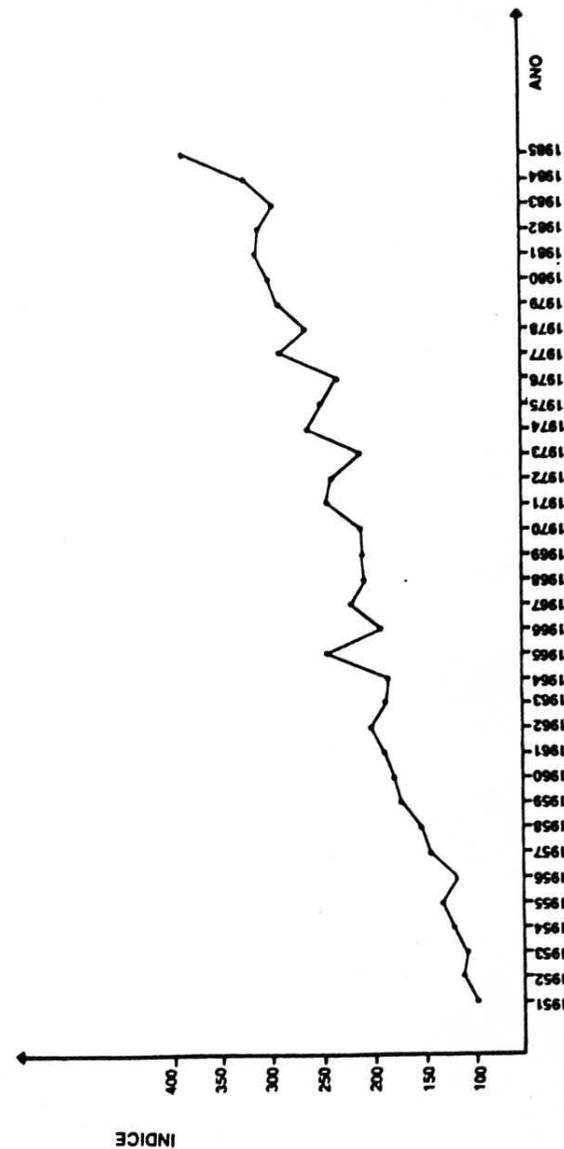
Essa taxa, apesar de menor que a do período anterior, ainda se coloca acima da taxa de expansão demográfica, o que indica que a função do setor agrícola como supridor do mercado interno não se comprometeu significativamente, pelo menos ao nível de agregação que os dados são aqui analisados.

Examinando a evolução da produção dos dois grupos de produtos individualmente, observa-se que enquanto os exportáveis, entre 1947/51 e 1966/70, cresceram 2,8% ao ano e os de mercado interno 4,5%, entre 1966/70 e 1981/85 os exportáveis passaram a crescer 5,6% ao ano e os de mercado interno apenas 1,5%, coincidindo, essa inversão nas tendências, com a mudança de enfoque na condução da política econômica do governo, a partir de meados dos anos 60 (Figuras 2 e 3).

Considerando a evolução da produção retida para consumo doméstico, as taxas de crescimento dos dois grupos de produtos e a evolução da participação das exportações na produção total interna das lavouras, desde fins da década

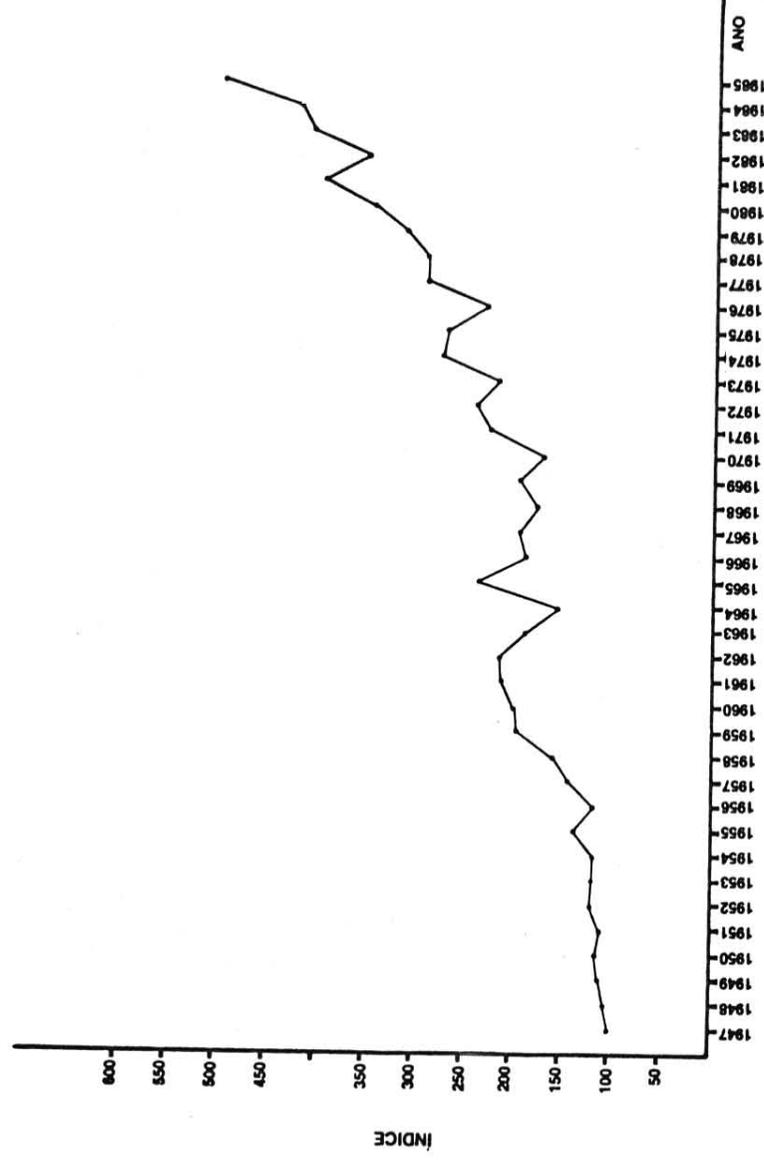
<sup>5</sup>Diferença entre produção e exportação anuais.

FIGURA 1. BRASIL - ÍNDICE DE PRODUÇÃO DE PRODUTOS DA LAVOURA, A PREÇOS DE 1980-84, DESTINADA AO CONSUMO DOMÉSTICO<sup>1</sup>, NO PERÍODO 1951-85.



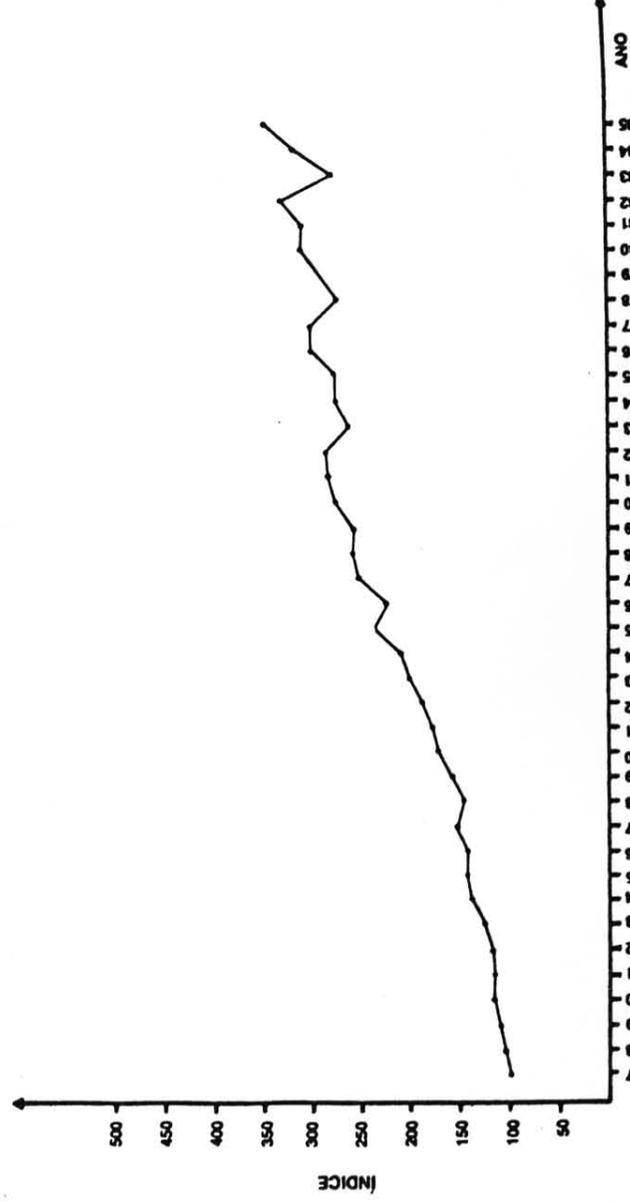
FONTE: Dados primários de IBGE, SUPLAN/IMA e CACEX.  
<sup>1</sup> Índice simples da diferença entre produção e exportação anuais. Não inclui importação ou estoques.

FIGURA 2. BRASIL - ÍNDICE DE PRODUÇÃO DOS PRODUTOS EXPORTÁVEIS DA LAVOURA. 1947-85.



FONTE: Dados primários de IBGE e SUPLAN/MA.

FIGURA 3. BRASIL - ÍNDICE DE PRODUÇÃO DE PRODUTOS DE MERCADO INTERNO DA LAVOURA. 1947-85.



FONTE: Dados primários de IBGE e SUPLAN/MA.

de 60, pode-se dizer que o resultado do maior esforço produtivo, que se concentrou na produção dos exportáveis, vem sendo canalizado para o mercado externo e que o consumo interno de bens desse grupo de produtos vem ganhando espaço em relação aos bens tradicionais típicos de mercado interno.

A mudança de tendência na produção entre os dois grupos de produtos resultou, também, no crescimento da participação da produção dos exportáveis na produção total das lavouras. Os exportáveis, na década de 50, experimentaram crescimento de participação na produção total, sucedida por queda na década seguinte e retomando a tendência de aumento no início dos anos 70, atingindo a média de 57% no período 1983/85 (Figura 4).

Examinando, agora, as fontes do crescimento da produção, observa-se que a expansão da área de cultivo foi, com larga margem, o principal contribuinte do crescimento da produção, tanto para os produtos exportáveis quanto para os produtos de mercado interno, até o final da década de 70, apesar da crescente incorporação de insumos modernos desde o início da mesma década (Figuras 5 e 6). Entre 1947/49 e 1978/80, a área dos exportáveis cresceu a uma média anual de 3,6% e os de mercado interno 3,5% enquanto os rendimentos, no mesmo período, evoluíram às taxas médias de 0,05% e - 0,16%, respectivamente.

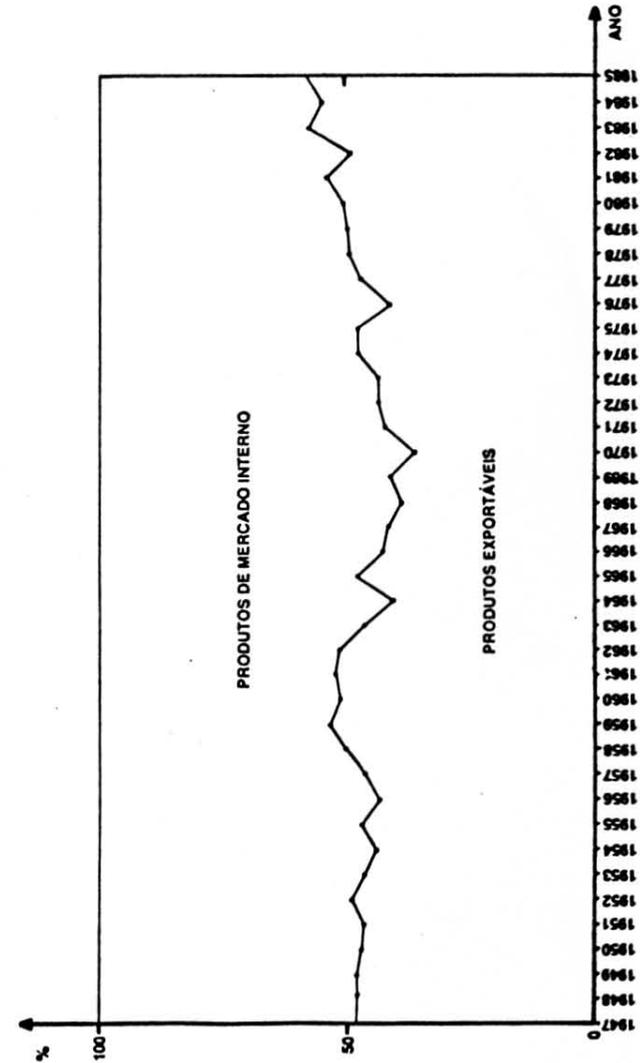
A grande disponibilidade de crédito rural subsidiado, principalmente para custeio, durante os anos 70, contribuiu de forma decisiva para a incorporação de novas áreas à produção, principalmente dos exportáveis, os que mais se beneficiaram com essa fonte de recursos (Sayad 1984).

É apenas a partir de 1979 que a produtividade passa a contribuir significativamente para a expansão da produção dos dois conjuntos de lavouras. No período 1978/80 - 1983/85, o rendimento médio por hectare dos produtos exportáveis cresceu à taxa anual média de 4,9% e os de mercado interno à taxa de 2,5%, contra uma evolução na área de 1,9% e - 1,0% ao ano, em média, respectivamente.

A crescente retirada dos subsídios governamentais transmitidos pelo crédito rural, bem como a redução de sua disponibilidade, que se acentuou a partir de 1979, inibindo o ritmo de incorporação de novas áreas ao processo produtivo, juntamente com a maior disponibilidade e uso de tecnologias agropecuárias, contribuíram, entre outros fatores, para a inversão nos papéis da área e do rendimento na produção, na primeira metade da atual década.

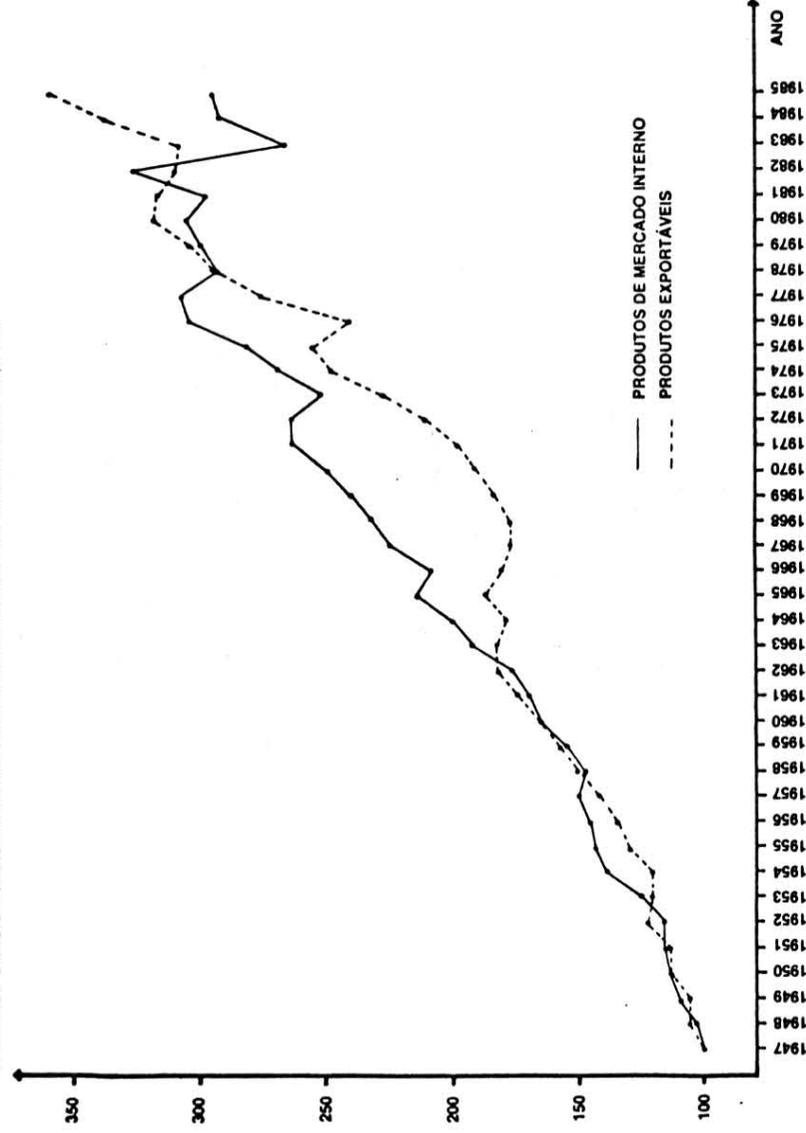
A performance do setor como formador de divisas estrangeiras (exportação) e supridor do mercado interno, a nível agregado, mascara, entretanto, o desempenho individual dos produtos. A produção, segundo o uso do produto, tem

FIGURA 4. BRASIL - COMPOSIÇÃO DA PRODUÇÃO DOS PRODUTOS DA LAVOURA, A PREÇOS DE 1980-84, NO PERÍODO 1947-85.



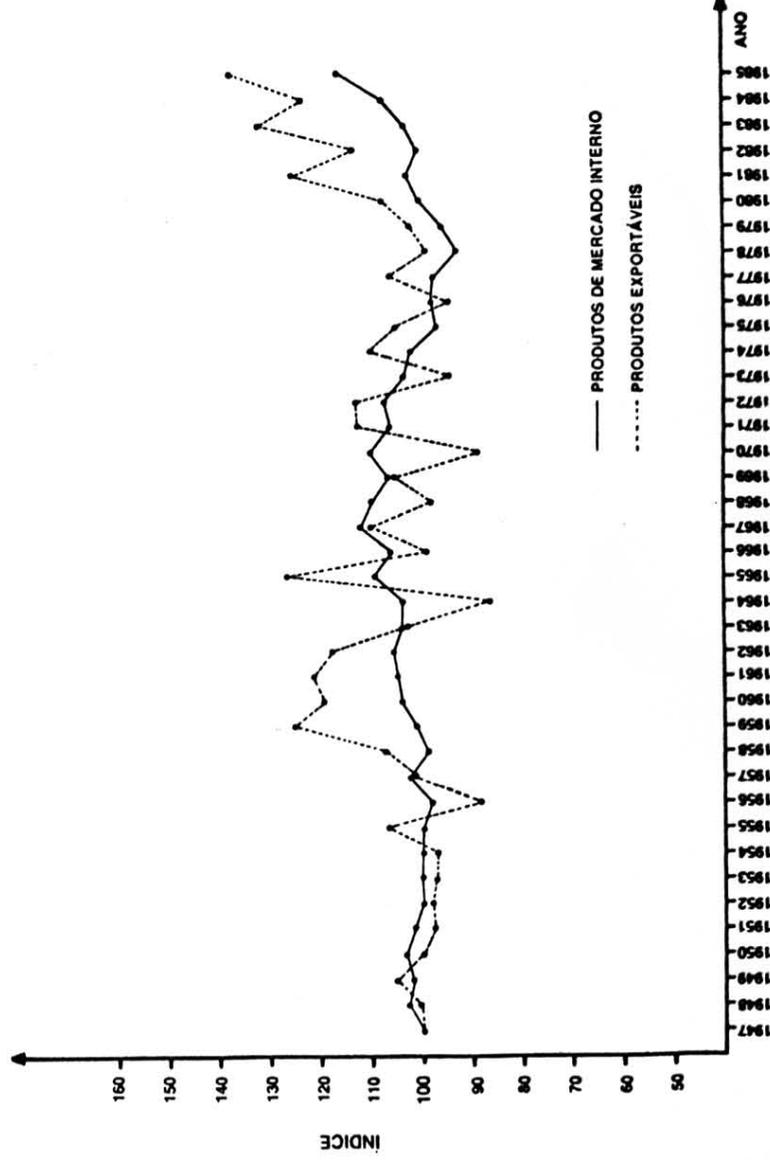
FONTE: Dados primários de IBGE, SUPPLANMA e CACEX.

FIGURA 5. BRASIL - ÍNDICE DA ÁREA OCUPADA COM PRODUTOS DA LAVOURA. 1947-85.



FONTE: Dados primários de IBGE e SUPPLAN/MA.

FIGURA 6. BRASIL - ÍNDICE DE RENDIMENTO DOS PRODUTOS DA LAVOURA. 1947-85.



FONTE: Dados primários de IBGE e SUPPLAN/MA.

se diversificado significativamente no período em apreciação. O exemplo mais marcante é o da soja que, em 1947/49, nem figurava nas estatísticas de produção e hoje (1980/84) ostenta a primeira colocação na produção de lavouras. Outro exemplo é a cana-de-açúcar que passou, depois da primeira crise do petróleo, em 1973, a representar o pivô da política energética alternativa do governo. Esse produto, em 1947/49, ocupava o sétimo lugar na produção (a preços de 1980/84) da lavoura e hoje coloca-se em segundo lugar, sendo seguido pelo milho (Anexo 1).

O café, que ocupava o primeiro lugar na produção, perdeu essa posição já na década de 70 e hoje encontra-se em quarto lugar na classificação. Esse produto, de grande importância histórica na economia brasileira, inclusive para a formação do seu setor industrial<sup>6</sup>, tem sido responsável tanto pela formação do produto agrícola quanto por suas maiores oscilações. As grandes quedas no índice de produção dos exportáveis em 1956, 1964, 1970, 1973, 1976 e 1982 devem-se, basicamente, às quedas na produção de café (Figura 2).

O algodão, que ocupava lugar de destaque na produção agrícola brasileira até meados do século, vem perdendo importância com a penetração das fibras sintéticas na fabricação de tecidos e confecções. Entretanto, ganham espaço aqueles produtos ligados a um complexo industrial e a uma demanda em expansão, como acontece com soja e laranja, além, obviamente, da cana-de-açúcar, com a crescente demanda interna de álcool.

Por outro lado, produtos tradicionais na alimentação como arroz, mandioca e feijão, especialmente estes dois últimos, que em 1947/49 seguiam o café em importância, em 1980/84 figuram em 5ª, 6ª e 7ª colocação, respectivamente. O exame das séries de produção revela, ainda, que o arroz vem apresentando uma produção num nível praticamente estagnado desde meados da década de 70, o mesmo acontecendo com feijão, desde meados da década anterior. A mandioca vem experimentando, inclusive, queda na produção desde o início dos anos 70.

Além das políticas governamentais que acabam por favorecer as culturas de exportação, esse comportamento na produção das culturas tradicionais está ligado às mudanças nos hábitos alimentares, juntamente com os movimentos migratórios inter-regionais e inter-setoriais. Essa afirmação encontra respaldo nas elasticidades-despesa de demanda de alimentos da população urbana brasileira.

<sup>6</sup> Principalmente via transferência forçada de rendas (políticas cambial e fiscal) e interiorização do mercado consumidor amplo para os produtos da indústria.

leira, estimadas a partir dos dados do ENDEF<sup>7</sup> (Ministério da Agricultura 1978). Essas elasticidades para arroz, feijão e mandioca na região Nordeste, estão muito próximas de zero ou ligeiramente negativas e para o Sudeste e Sul elas são amplamente negativas. Essas mesmas elasticidades, para olerícolas em geral, frutas tropicais, carne bovina e leite são relativamente altas, apesar de menores que a unidade, o que contribui para explicar, pelo lado da demanda, o desempenho de alguns produtos de mercado interno como milho, abacaxi, cebola e tomate que, entre 1947 e 1985, cresceram a taxas acima da média do conjunto deles, especialmente estes três últimos.

#### 4. CONCLUSÕES

Através da metodologia adotada neste estudo para os principais produtos de lavoura no Brasil, ficaram caracterizados como produtos exportáveis os seguintes: algodão, amendoim, cacau, café, cajú, cana-de-açúcar, fumo, laranja, mamona, pimenta-do-reino, sisal e soja e como produtos de mercado interno: abacaxi, alho, arroz, banana, batata-doce, batata-inglesa, cebola, coco-da-baba, feijão, mandioca, milho, tomate, trigo e uva.

As demais conclusões extraídas do presente estudo são:

a) A diversificação verificada na pauta de exportação de produtos da lavoura no Brasil, durante o período 1966/85, deveu-se mais à crescente transformação industrial de parte deles, ocorrida a partir dos anos 70, com a ampliação do número de derivados e o aumento do seu valor de comércio, do que à incorporação de novos produtos primários de significativa expressão econômica na pauta (soja e laranja já faziam parte da lista dos exportáveis um pouco antes desse período). Os dados de exportação mostram, também, sinais de que a inclusão de novos itens na pauta pode ocorrer através da industrialização de alguns produtos tropicais, a exemplo das frutas.

b) As diferenças entre as tendências na evolução dos dois grupos de produtos, a partir de fins dos anos 60, juntamente com o crescimento da participação das exportações na produção interna, indicam que o excedente do grande esforço produtivo nacional vem sendo crescentemente canalizado para o mercado externo e, internamente, o consumo de produtos tradicionais perde espaço para

<sup>7</sup> ENDEF - Estudo Nacional da Despesa Familiar (Fundação IBGE 1978).

os mais dinâmicos.

c) A aparente performance do subsetor lavouras, a nível agregado, no seu papel de supridor do mercado interno, a uma taxa acima da taxa de expansão demográfica, mascara o baixo desempenho individual de alguns produtos alimentares básicos, determinado não apenas pelo lado da oferta mas, aparentemente, também pelo comportamento da demanda, internamente influenciada por mudanças nos hábitos alimentares e pelas migrações inter-regionais e inter-setoriais. É o caso do arroz, do feijão e da mandioca. Por outro lado, ganham espaço aqueles produtos ligados a um complexo agroindustrial e com grande aceitação no mercado externo, como soja e laranja ou ligado a um programa energético do governo, como cana-de-açúcar.

d) O crescimento do rendimento por unidade de área vem contribuindo, na presente década, mais do que a expansão na área para o crescimento da produção das lavouras, especialmente para as de exportação, pelo menos até 1985.

## 5. REFERÊNCIAS

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL, Rio de Janeiro, IBGE, 1949/1987.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CACAU, Brasília, CEPLAC, 1983.

BANCO DO BRASIL, CACEX. Brasil - Comércio Exterior, Rio de Janeiro, 1966/1985.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Geral. Subsecretaria de Planejamento e Orçamento. Série Estatísticas Agropecuárias, nº 1. Brasília, 1976.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Secretaria Geral. Subsecretaria de Planejamento e Orçamento. Estudos Básicos para o Planejamento: Projeção do Consumo de Alimentos - 1975/85. Brasília, 1978. Relatório Interno.

EMBRAPA, Secretaria de Planejamento. Informações e Índices Básicos da Economia Brasileira. Brasília, 1988.

FUNDAÇÃO IBGE, Rio de Janeiro. Estatísticas Históricas do Brasil. Rio de Janeiro, 1987. (Séries Estatísticas Retrospectivas, v. 3).

FUNDAÇÃO IBGE, Rio de Janeiro. Estudo Nacional da Despesa Familiar - ENDEF. Rio de Janeiro, 1978.

SAYAD, J. Crédito Rural no Brasil. São Paulo, FIPE/PIONEIRA, 1984.

AB/Imf.

ANEXO I... BRASIL, UNIDADE DE PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS, PERÍODO 1980-87

Cr\$ 1.000.000										
PRODUTO	1980	1981	1982	1983	1984	1985	TOTAL (1)	ÍNDICE DE PREÇOS (2)	ÍNDICE DE PREÇOS ATUALIZADO (3)	
01. SOJA (1)	132.636	251.952	609.626	1.463.954	5.403.953	654.106	14.200	14,20	14,20	
02. CANA-DE-AÇÚCAR (1)	110.730	226.477	530.723	1.436.193	6.042.999	630.219	13.300	27,24	27,24	
03. MILHO (1)	119.507	231.335	300.853	1.112.214	3.515.299	536.113	11,82	30,41	30,41	
04. CAFÉ (P)	80.340	261.553	356.219	1.061.049	3.217.239	473.932	10,30	10,30	10,30	
05. ARROZ (1)	99.859	140.508	361.813	700.236	2.473.206	402.951	0,77	50,40	50,40	
06. MANDIOCA (1)	67.280	156.212	221.820	540.205	1.873.149	399.466	0,52	65,00	65,00	
07. FEIJÃO (1)	67.600	161.613	200.823	379.511	1.094.150	206.167	0,24	71,24	71,24	
08. ALGODÃO (P+T)	30.155	72.416	137.245	210.919	1.600.045	100.236	0,00	75,30	75,30	
09. LARANJA (P)	32.162	81.292	143.279	300.666	1.601.570	162.453	3,97	29,27	29,27	
10. TRIGO (1)	29.206	61.824	99.715	305.232	915.913	139.130	3,03	82,30	82,30	
11. CACAU (P)	22.897	62.600	69.151	291.297	1.019.811	110.622	2,50	84,00	84,00	
12. BATATA-DOCE (1)	22.806	53.842	55.197	246.837	490.700	95.243	2,09	86,97	86,97	
13. BANANA (P)	10.599	30.227	70.804	104.955	645.153	93.243	2,03	89,00	89,00	
14. TOMATE (1)	13.597	20.137	50.100	145.204	425.552	67.736	1,60	90,40	90,40	
15. FUNGO (1)	12.995	26.639	67.273	120.266	309.090	65.992	1,00	91,20	91,20	
16. CEBOLA (1)	9.459	11.873	36.845	83.720	166.493	37.809	0,81	90,73	90,73	
17. UVA (P)	5.655	14.925	20.197	82.904	104.000	21.590	0,71	93,40	93,40	
18. BATATA-DOCE (1)	4.839	9.216	16.790	29.574	124.290	20.620	0,44	93,00	93,00	
19. AMENDOIM (1)	4.885	9.956	12.276	29.870	134.727	19.500	0,42	94,30	94,30	
20. CECILIA-BAI (P)	3.668	7.697	16.122	35.890	144.223	19.811	0,41	94,71	94,71	
21. ABACAXI (1)	2.506	6.347	13.851	42.294	157.277	17.536	0,30	95,09	95,09	
22. MANGA (1)	2.679	7.511	9.853	30.121	141.126	17.527	0,30	96,27	96,27	
23. ALMO (1)	2.085	7.504	22.335	36.640	76.121	16.868	0,37	96,04	96,04	
24. CAJU (P)	2.260	5.140	13.712	16.865	204.317	15.800	0,34	96,10	96,10	
25. PIMENTA-ALHO (P)	2.562	3.200	7.870	33.270	141.314	14.432	0,31	96,40	96,40	
26. TAMBAQUI (P)	2.200	5.700	11.140	26.861	104.721	13.405	0,29	96,75	96,75	
27. SINAL (ABACAXI) (P)	2.733	6.429	10.919	17.360	71.206	13.209	0,29	97,07	97,07	
28. LÍNGUA (P)	1.794	5.133	12.800	27.890	100.957	13.000	0,29	97,30	97,30	
29. MANGA (P)	2.000	4.811	9.872	16.400	152.163	12.620	0,27	97,63	97,63	
30. CANA-FORRAGEIRA (1)	2.477	4.506	9.061	21.726	81.772	11.204	0,25	97,80	97,80	
31. MAÇÃ (P)	966	3.152	13.871	25.821	87.729	10.671	0,23	98,11	98,11	
32. MANGA (P)	1.360	4.168	8.813	19.439	72.823	9.912	0,22	98,23	98,23	
33. MELANCIA (1)	1.604	3.373	8.570	24.168	70.952	9.207	0,21	98,54	98,54	
34. ABACATE (P)	1.232	2.909	6.691	18.819	55.909	7.264	0,17	98,71	98,71	
35. PÊSSEGO (P)	1.801	2.651	5.901	15.185	42.844	7.115	0,15	98,86	98,86	
36. CEBOLA (1)	801	2.111	5.053	16.900	23.401	6.134	0,13	98,90	98,90	
37. MAMÃO (1)	1.426	1.997	3.693	15.633	30.530	5.426	0,12	99,11	99,11	
38. SORGO (1)	834	1.690	3.509	16.207	45.536	9.155	0,11	99,23	99,23	
39. AVEIA (1)	792	1.734	2.739	15.000	36.123	4.430	0,10	99,28	99,28	
40. BARRAGEM (SERIEMI) (P)	...	0,523	1,467	5,190	23,897	123,450	0,10	99,47	99,47	
41. FAVA (1)	1.100	1.704	2.666	5.993	27.160	4.093	0,09	99,51	99,51	
42. CACAU (P)	393	1.253	1.000	8.450	15.000	3.073	0,07	99,60	99,60	
43. FEIJÃO (1)	724	1.201	2.100	4.875	15.390	2.830	0,06	99,64	99,64	
44. MELÃO (1)	834	1.149	2.227	5.641	12.990	2.653	0,06	99,70	99,70	
45. ALFAPA (1)	435	1.100	1.700	4.503	11.190	2.130	0,05	99,75	99,75	
46. JUTA (1)	666	1.300	866	3.232	9.100	2.100	0,05	99,80	99,80	
47. ERVA-MATE (P)	...	863	1.350	3.611	16.077	123,190	0,04	99,84	99,84	
48. GUARANÁ (P)	...	1.390	1.820	2.330	11.212	123,104	0,04	99,80	99,80	
49. MAMÃO (1)	576	324	645	1.967	10.200	1.402	0,03	99,94	99,94	
50. PEAÇA (P)	344	625	1.134	2.933	6.533	1.394	0,03	99,94	99,94	
51. LÍNGUA (1)	3	682	576	1.709	8.937	899	0,02	99,90	99,90	
52. MANGA (P)	91	330	491	1.207	2.331	2.331	0,01	99,97	99,97	
53. CANA-DE-INDIA (P)	58	91	267	1.021	5.470	512	0,01	99,90	99,90	
54. CENTEIO (1)	101	500	140	515	1.430	666	0,01	99,99	99,99	
55. NOZ (P)	51	131	252	511	7.512	640	0,01	100,00	100,00	
56. TINGIBÁ (P)	66	77	113	217	200	140	-	100,00	100,00	
57. AZEITONA (P)	7	8	11	16	13	15	-	100,00	100,00	
58. PALMITO (P)	...	2	2	5	61	123	5	-	100,00	100,00
TOTAL	-	-	-	-	-	4.593.982	100,00	100,00	100,00	

FONTES: 1986 - Anuário Estatístico do Brasil  
 (1) A preços de 1980. Deflatores: 180-01 (FOP)  
 (2) Considera-se o valor de produção de 1980 como o nível de valor de produção dos anos subsequentes.  
 P = Cultura Permanente; T = Cultura Temporária  
 AB/Imf.

## A N E X O 2

### METODOLOGIA DE CÁLCULO DA PARTICIPAÇÃO DA EXPORTAÇÃO NA PRODUÇÃO INTERNA, POR PRODUTO

O objetivo desta nota é deixar transparente os métodos utilizados para a determinação da proporção (percentagem) que guarda a quantidade exportada em relação à quantidade produzida internamente, por produto, para o período considerado no presente estudo.

Foram três as situações encontradas, a nível de produto:

a) Quando a pauta de exportação consistiu, de forma relevante, apenas do produto "in natura", a determinação daquele percentual se deu de forma direta, confrontando-se quantidade exportada com quantidade produzida. Exemplo: feijão.

b) Quando, na pauta de exportação, apareceu um produto com um único derivado relevante, converteu-se a quantidade exportada desse derivado em produto "in natura". O total exportado, então, é igual à quantidade do produto exportado "in natura" mais a quantidade exportada do derivado em termos do produto "in natura". Exemplo: banana.

c) Quando a pauta consistiu de mais de um derivado, o procedimento utilizado foi o seguinte:

Da produção interna foi subtraída a quantidade exportada "in natura". A diferença (produção restante) foi transformada, através de taxas de conversão apropriadas, nos derivados relevantes da pauta. Uma vez que esses derivados apresentam valor econômico diferenciado, eles foram multiplicados pelo seu preço médio de exportação (em dólares) e somados, resultando no valor VR. Os preços utilizados foram os do período onde houve efetivamente exportação de todos os derivados considerados de um produto, de forma que esses preços refletissem efetivamente os relativos de mercado (esse período varia de produto para produto). Em seguida, as quantidades exportadas dos derivados foram multiplicadas pelos mesmos preços e somadas, resultando no valor VX.

A razão VX/VR fornece, então a proporção entre valor dos derivados exportados e valor da produção restante, transformada em derivados.

A quantidade exportada de derivados em termos do produto "in natura" resulta, assim, da multiplicação da produção restante (quantidade) pela

razão VX/VR.

A quantidade total exportada do produto foi finalmente obtida somando-se a quantidade exportada de derivados em termos do produto "in natura" com a quantidade exportada "in natura". Exemplo: algodão.

As taxas de conversão utilizadas foram obtidas junto ao Ministério da Agricultura, CFP, ABIOVE, IBC, IAA, Centros Nacionais de Pesquisa da EMBRAPA (CTAA, CNPUV, CNPMF, CNPCo), Empresas Estaduais de Pesquisa Agropecuária e Empresas Privadas de Processamento Agroindustrial.

Os produtos contemplados no estudo e seus respectivos derivados foram:

#### 1. Algodão

Abrange as exportações de pluma, fios, tecidos, farelo, linter e óleo.

Taxas de conversão utilizadas:

- . Pluma = 35% do algodão em caroço
- . Linter = 6% do algodão em caroço
- . Farelo = 29% do algodão em caroço
- . Óleo = 10% do algodão em caroço

Admitiu-se os fios e tecidos como sendo 100% de algodão, ou seja, que apresentam a mesma taxa de conversão da pluma.

Para evitar um valor adicionado pela indústria desproporcionalmente elevado, foi utilizado o preço médio dos fios de algodão para ponderar as quantidades de pluma, fios e tecidos.

Os preços utilizados para ponderação foram os do período 1973-84.

#### 2. Amendoim

Inclui as exportações de grãos, farelo e óleo.

Taxas de conversão utilizadas:

- . Amendoim em grão (descascado) = 68% do amendoim com casca
- . Óleo = 41% do amendoim em grão
- . Farelo = 55% do amendoim em grão

Farelo e óleo foram ponderados pelo preço médio de exportação do ano correspondente e na ausência de exportação de um deles, pelos preços médios ponderados de exportação da década correspondente. Na ausência de exportação dos dois itens, considerou-se simplesmente a percentagem da exportação

de grãos (quantidade) em relação à produção interna.

### 3. Cacau

Inclui as exportações de amêndoas e seus derivados: manteiga, líquor, torta, pó e outros. A conversão desses derivados em termos de amêndoas, encontra-se no Anuário Estatístico do Cacau (CEPLAC 1983).

### 4. Café

Inclui as exportações de café crú em grão e café industrializado.

Taxa de conversão utilizada:

. Café industrializado = 30% do café crú em grão

### 5. Cajú

Considerou-se apenas a castanha de cajú. Os derivados não são relevantes.

Taxa de conversão:

. 1.000 frutos = 2,3 kg de amêndoa seca (conversão baseada no peso médio das quatro principais classificações da amêndoa).

### 6. Cana-de-açúcar

Abrange as exportações de açúcar e álcool.

No período 1980-85, quando houve exportação de álcool, as médias dos preços de exportação do açúcar e do álcool não apresentavam diferença significativa. Como foram apenas esses os derivados da cana-de-açúcar considerados, as quantidades não foram ponderadas pelos preços. O cálculo do percentual exportado foi obtido contrapondo-se a quantidade de açúcar e álcool exportada com a quantidade dos mesmos produzida internamente. Dados estatísticos de produção de açúcar e álcool fornecidos pelo IAA.

### 7. Fumo.

Foi considerada apenas a exportação de fumo em folha.

### 8. Laranja

Inclui as exportações de laranja "in natura" e suco de laranja. Na presente década, começa a se tornar significativa a exportação de farelo de polpa cítrica. Esse item, entretanto, não foi incluído aqui.

Taxas de conversão utilizadas:

. 1 tonelada de laranja = 6.135 frutos

. 1 caixa de laranja = 40,8 kg

. 1 tonelada de suco concentrado = 270 caixas de laranja (67.583 frutos).

### 9. Mamona

Desse produto exporta-se apenas a óleo.

No processo de transformação do grão em óleo, outro derivado é obtido — a torta. Para o cálculo da exata participação das exportações na produção interna, necessário seria a ponderação desses dois derivados pelos respectivos preços. Entretanto, devido à insuficiência de informações, não foi possível determinar os preços relativos. Assim, foi considerado nos cálculos apenas o óleo, expresso em termos de grãos.

Taxas de conversão:

. Óleo = 44% da mamona em grão

. Torta = 50% da mamona em grão

### 10. Pimenta do reino

Exportações de pimenta em grão.

### 11. Sisal

Exportações de sisal em bruto, cordões, cordas e cabos de sisal.

### 12. Soja

Abrange as exportações de grãos, farelo e óleo.

Taxas de conversão usadas:

. Óleo = 18,8% do grão

. Farelo = 77,5% do grão

Farelo e óleo foram ponderados pelos preços médios de exportação do ano correspondente e, na ausência de exportação de um deles, pelos preços médios ponderados de exportação da década correspondente. Na ausência dos dois itens, considerou-se simplesmente a percentagem da exportação de grãos em relação à produção interna.

### 13. Abacaxi

Inclui as exportações de abacaxis frescos, abacaxis conservados naturalmente e suco de abacaxi.

Taxas de conversão utilizadas:

. 1 fruto = 1,5 kg (média entre variedades)

. Suco concentrado = 12,4% do peso do abacaxi.

#### 14. Alho

Inclui as exportações de alho fresco e alho em pó.

Taxa de conversão:

. Alho em pó = 12,5% do alho fresco

#### 15. Arroz

Inclui as exportações de arroz com casca, arroz sem casca e quire

Taxa de conversão:

. Arroz sem casca (inclusive quirera) = 68% do arroz com casca

#### 16. Banana

Foram considerados as exportações de bananas frescas, bananas conservadas naturalmente e bananas secas.

Taxas de conversão:

. Um cacho (média entre variedades) = 10,5 kg

. Banana seca = 16,5% da banana fresca

#### 17. Batata-doce

Exportações "in natura"

#### 18. Batata-inglesa

O periódico Comércio Exterior do Brasil não apresenta a exportação de batata inglesa isoladamente. Nesse periódico, o nome do sub-ítem que inclui esse produto é "Qualquer Outra Batata, Exceto Doce". As exportações sob esta denominação é que foram consideradas nos cálculos.

#### 19. Cebola

Exportações "in natura" e do produto conservado naturalmente.

#### 20. Coco-da-baia

Exportações de cocos com casca, cocos sem casca, mesmo ralados e leite de coco.

Taxas de conversão:

. 1 fruto seco com casca = 1 kg

. Coco sem casca = 48% do coco com casca

. Coco ralado = 26% do coco com casca

A partir de 1981, foram incluídas nos cálculos, as exportações de

leite de coco. Como aproximação, utilizou-se para esse item a mesma taxa de conversão adotada para o coco ralado.

#### 21. Feijão

Inclui as exportações de todos os tipos de feijão em grão.

#### 22. Mandioca

Inclui as exportações de raízes, farinha e fécula.

Taxa de conversão:

. Farinha ou fécula = 25% das raízes

#### 23. Milho

Inclui as exportações de milho em grão, grãos decortificados (cangica), sêmola, amido, glúten, farelo e óleo.

Para a conversão dos derivados em termos de grãos, foi considerada a transformação do grão em três produtos: canjica, óleo e farelo. Assim, para efeito de conversão, canjica, amido, sêmola e glúten foram somados e tratados como "canjica", que é matéria-prima dos demais.

Taxa de conversão:

. Canjica = 66% do grão

. Óleo = 3% do grão

. Farelo (do germe e da película) = 26% do grão

Os derivados foram ponderados pelos preços de exportação do período de 1977-81, no qual houve exportação de todos os derivados, à exceção do glúten, tornando-se possível determinar os relativos de preços. O relativo da "canjica" é representado pela média ponderada dos preços da canjica, sêmola e amido do período.

#### 24. Tomate

Exportações do produto "in natura" e conservado naturalmente.

#### 25. Trigo

O País é importador líquido do cereal. Ocorrem, entretanto, exportações sistemáticas de farelo de trigo (resíduo) e trigo mourisco. Esses dois itens não foram considerados.

#### 26. Uva

Inclui as exportações de uvas frescas e suco concentrado de uva.

Taxa de conversão:

. Suco concentrado = 17,5% do peso da uva fresca.

ANEXO 3. BRASIL - PRODUTOS DA LAVOURA. ÍNDICES DE ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NO PERÍODO 1947-85

ANO	PRODUTOS DE MERCADO INTERNO			PRODUTOS EXPORTÁVEIS		
	ÁREA	PRODUÇÃO	RENDIMENTO	ÁREA	PRODUÇÃO	RENDIMENTO
1947	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1948	103,0	106,2	103,1	104,7	105,3	100,5
1949	108,9	111,2	102,0	106,3	111,9	105,3
1950	113,5	117,5	103,6	113,9	113,9	100,0
1951	115,0	116,5	101,3	113,0	110,5	97,8
1952	117,5	117,0	99,6	123,9	121,7	98,2
1953	125,9	126,2	100,2	120,6	117,9	97,8
1954	138,8	138,4	99,7	121,5	118,4	97,4
1955	143,3	143,6	100,2	129,6	138,5	106,9
1956	145,3	142,3	97,9	133,7	118,3	88,5
1957	149,6	153,6	102,6	141,4	144,0	101,8
1958	148,1	146,7	99,0	149,7	161,1	107,6
1959	154,5	156,4	101,2	156,7	196,5	125,4
1960	165,8	172,7	104,2	164,8	197,1	119,6
1961	169,7	178,2	105,0	173,9	211,8	121,8
1962	176,5	187,9	106,4	182,3	214,1	117,4
1963	192,4	200,6	104,2	182,7	188,4	103,1
1964	201,2	209,2	104,0	178,9	154,7	86,5
1965	215,4	237,3	110,1	187,1	237,1	126,7
1966	208,8	222,7	106,6	180,1	179,3	99,6
1967	224,6	252,2	112,3	177,1	195,8	110,5
1968	232,6	256,1	110,0	177,8	175,3	98,5
1969	239,7	256,2	106,9	183,9	194,8	105,9
1970	249,4	276,2	110,7	191,1	170,1	89,0
1971	263,9	281,7	106,7	199,0	224,6	112,8
1972	264,7	285,5	107,8	211,5	238,9	113,0
1973	251,8	260,7	103,5	228,2	216,2	94,7
1974	269,4	275,4	102,2	248,4	275,5	110,9
1975	282,1	275,1	97,5	256,5	271,3	105,7
1976	305,6	301,3	98,6	240,8	229,5	95,3
1977	308,0	302,3	98,1	276,5	292,5	105,8
1978	293,3	272,9	93,0	294,4	293,4	99,7
1979	299,9	289,7	96,6	304,9	313,9	103,0
1980	305,8	309,2	101,1	319,2	345,3	108,2
1981	296,9	308,2	103,8	317,9	400,6	126,0
1982	328,1	331,5	101,0	309,7	351,1	113,4
1983	266,7	276,0	103,5	308,3	409,6	132,8
1984	292,8	316,1	107,9	339,4	420,4	123,9
1985	294,6	344,0	116,8	361,5	500,0	138,3

FONTE: Dados primários do IBGE e SUPLAN/MA. Índices calculados pelo autor.